

# O VERSO ANTROPOFÁGIKO

Paulo Bauler

Com este vinho, embriagando a tarde qual domingo  
Ergo um brinde ao mundo, sonhado e prometido  
Súbito vindo a mim lá de qual futuro  
Algo assim como um mútuo de um Deus distante

Quase certo o mundo que celebro não será para vocês, sisters  
and brothers

um mundo dos seus próprios sonhos pródigos.  
Quiçá nem será mundo este tal mundo, mas  
ao estalar da língua logo ao primeiro copo - dele, este meu  
mundo

Alguma cidade, bairro, ou simples vila  
Decerto será, my sister, my brother  
Do vosso inteiro agrado

(se assim for não se acanhe, my dear  
Que por lá havemos de lhe acomodar)

No passport, para este mundo, no visa  
and tax free.

Nem armas nem barões assassinados,  
Pas de politique, even democratic  
Que em tal mundo cada qual goza o que pode

Sim, sisters and brothers, com este gole - tinto, seco e  
carpinteiro  
Encho meu tinteiro, de cores, de sons - inclusive o silêncio

I tell you the truth: esse tal mundo eu cá não invento  
posto que já posto ao pensamento largo  
por tantos quantos à sua ágora pertençam  
Uma summa cosmológica, talvez, eu faço  
(Não que seja de todo necessário)  
Talvez os traços desses atlas mais apago  
Desse tal mundo que em verdade nada invento  
Posto que já posto ao modo estreito e vasto  
Que a imaginação concede, a quem terráqueo  
Deus deu asas de universo

O revólver de um lado, a garrafa  
tombada e a larga mácula à toalha sudária  
o sangue de um cristo e espinhos crucifixo dessas todas noites  
E a cinza espalhada, e as pontas  
fedidas de um cinzeiro virado, e tudo o mais  
que faz o cenário latino dos desvarios, essa raça cheia de nervos  
de orgulhos feridos, sensível, suscetível ao mais leve descaso  
de Vênus

A cara no espelho acorda a cara que olha  
e não condena a cara que o pensamento olha  
compreendendo a cara que mora na alma  
Nem de longe a cara que na rua olham  
Quantas caras bastam  
a se olhar na cara?

É mais uma formiga na multidão de uma terra ao sul do equador  
e nada mudará a despiciência de cada qual.  
Mas isto é o espelho; o verso é que se sabe estrangeiro  
já que um Único  
de impossível encaixe  
nesse puzzle de carnes  
em que se elabora a espécie  
que um dia para allá será

Inexorável destino, insipiência, irrelevância  
E ele observa a abóbada celeste azulmarinha, sempre escura  
mesmo à toda luz da lua, cada vez mais escura  
sempre a mesma paisagem, as estrelas  
se repetem em seu pisca-pisca  
vaga-lumes presos na grande vidraça de Deus

E já que os céus sempre se repetem  
Olhar para o baixo chão é talvez a saída para não se morrer de tédio,  
— ele caminha e pensa, sem crer  
em absolutamente nada do que seu pensamento, até porque  
de tudo resulta um novo devir

As imperceptíveis mudanças quantitativas levam às grandes mudanças  
qualitativas

Que só se observam em lentes voltadas para trás

Mas é o Absoluto das coisas inatingíveis

das coisas inesgotáveis

das coisas impróprias aos humanos

das coisas que pertencem aos deuses

Enfim, é o Absoluto o Único o que importa

Por tudo isso a vida se torna um fardo, leve ou pesado

sempre qualidade de fardo, embora

haja prazer no fardo, vez em quando

ao se comparar os pesos

e os laços

Por isso o revólver sempre apontado

Por isso o vinho derramado

As cinzas de cigarro, e o choro mofado ao fundo

Por isso que as caras nos espelhos nem se sabem mais:

Desde que enterrou o último dos Absolutos e agora

Guarda rancor de si mesmo, mas

Segue determinado

O mandamento number one do diabo:

Odiarás o teu próximo como a ti mesmo

Mas isto ainda não é o revólver, isto ainda é o vinho

e o cigarro, sangue e espinho

O sol lambia as areias e os corpos e as espumas das ondas

E o verde das águas mais para allá, e o azul do céu mais para allá

E as ilhas ao longe, e a linha reta e curva do horizonte

E tudo é mesmo sempre mais para allá

Que importa? Igual se passa com ele, não é ele

também mais, muito mais, para allá?

De si mesmo, de todos, tudo quanto

esbarre casual, ou que a vontade súbita

queira agarrar

Como agora, que as palavras

e as curvas, e os cabelos ao vento

E lhe parece às vezes estranho, tão estranho

que ela lhe queira, que ela lhe queira para qualquer algo

e é ainda mais estranho que ela lhe queira para a carne

Pois toda a vontade se devia encerrar no Único, e ela

devia apenas deixar-se para a vontade

do Único, o Absoluto

razão de ser de todas as vontades, derivadas

d'A Grande Vontade Absoluta

E isto tudo se passa na calçada da praia quando passa um jornal  
que passa gritando:

O Absoluto Morreu! O Absoluto Morreu!

E ele, nem sorriu

nem sofreu

Ele olha a parte do copo que lhe faltava e nem tinha bebido ainda a metade  
quando ela lhe pede um trago

E reclama que amargo

Seu doce, o hidromel dos deuses do olimpo

Mas tudo isso morreu

E ele, nem sorriu

nem sofreu

Uma trêmula bandeira ao canto esquerdo da televisão

feita de azul, feita de estrelas e o resto

tudo listras vermelhas, e ele até gosta

não pode mentir que não aprecia as louras madeixas de rapunzel

ou as róseas bochechas de uma branca de neve

e tudo o mais faz a fantasia e o sonho

palpável, possível, róseos lábios

a cobrir de beijos, doces beijos

e drops, e amendoim, e chocolate e bala de menta e mel

palpáveis, possíveis, rubros lábios

a cobrir de línguas, doces lábios  
a lambar o sal, a beber o ser  
acridoce, animal

Mas tudo isso ainda não é o revólver:  
isso tudo ainda é o sudário  
No qual se enrola o corpo pós-crucificado

Na verdade não era assim que ele a queria que fosse, nem ela  
assim o esperara o dia de vê-lo coçando a memória  
a manter na reserva um resto de mistério para o dia  
do que lhe parecia ser o dia  
da invasão da normandia

E ela lhe poria em volta o pescoço colares de flores havaianas  
ela o beijaria uma virgem dos lábios de mel  
ela só queria que fosse tal no sonho  
tal o sonho acordado às oito em ponto  
no mesmo canal

Para ele talvez fosse a Marselhaise, ou o momento fatal do gol  
ou o primeiro aumento de salário que um dia  
lhe fez acreditar que a vida  
era ao alcance das mãos

Para ela talvez mais ainda que o beijo da novela; mais

que novela não é vida, ela o sabia  
talvez pudesse se comparar ao primeiro gozo  
com as próprias mãos

Para ele seria assim como a conquista da antártida, ou  
o dia em que acertaria na loteria de bichos  
(não pensava no milhar)  
já na dezena, bastava  
a se sentir um ganhador

Para ela seria um pouco de tudo  
acrescido à surpresa  
da primeira vez

Para ele seria de tudo um pouco  
acrescido à surpresa  
da primeira vez

Mas nem para ela, nem para ele  
nada nem de longe lembrava  
a primeira vez

Mas nem se pense que isso já era o revólver, que não era  
Eram só as mãos  
Um tanto cálidas

Havia também o réquiem mozartiano, e um certo canto gregoriano

de que não se lembrava o nome  
Havia uma correspondência recebida junto com um telegrama  
sem que fosse um encontro de contas  
Havia a exigência de regularizar certa burocracia estatal  
em oito repartições  
Havia, enfim, uma porção de ditas pequenas coisas que  
assassinam os dias  
Sobretudo, havia  
A necessidade de escapar do asco

Mas também não se pode dizer que nisto esteja o revólver  
Afinal, todos temos nossos dias

semanas

meses

anos

décadas

De aflição

angústia

desespero

Temperado a prazer

até que

Nesse dia limpou cuidadosamente a cinza e catou  
as pontas de cigarros espalhadas e pôs a lavar  
a toalha  
e levantou a garrafa, e a lançou ao cesto  
E mergulhou a cabeça debaixo a torneira de água fria

E descobriu no espelho a cara das caras que importava  
A encenar o drama  
do seu último ato  
No papel de judas  
da própria alma

Para que tudo fosse a contento  
Limou cuidadosamente a arma com óleo e tudo  
E completou de balas, novas  
para que nada lhe falhasse  
Assim como quem sabe do momento fatal  
todo valor e brilho  
E por falar em brilho, abriu outra garrafa do vinho  
e vestido em camisa e calça e paletó de linho, e meia de seda  
e gravata de seda

E chegou à janela, na mão a taça vermelha e seca  
Contemplou lá fora  
E não havia nada  
Senão que o Absoluto  
O mesmo cenário azulmarinho  
As mesmas estrelas  
O mesmo céu chiaroescuro

Finalmente abriu as asas de universo dadas por Deus  
E voou

O revólver ainda nem era o verso